

# DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE MENTAL DE MULHERES EM MOBILIDADE: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Valéria Pacheco Dias<sup>1</sup>

Daniela do Carmo Oliveira Mendes<sup>2</sup>

Francisca Bruna Arruda Aragão<sup>3</sup>

Alcemira Bandeira de Oliveira<sup>4</sup>

Regina Célia Fiorati<sup>5</sup>

**Resumo:** Este artigo visa analisar os determinantes sociais da saúde mental entre mulheres em mobilidade. Para isso, realizou-se uma revisão integrativa durante o mês de maio de 2022, abrangendo artigos publicados entre os anos de 2017 e 2021, a partir de bases de dados virtuais. Dentre 2509 publicações identificadas, apenas seis foram pertinentes à questão investigada. Os estudos revelaram que mulheres em mobilidade enfrentam vulnerabilidades ligadas à segurança e à violência de gênero, as quais podem exercer impactos significativos em sua saúde mental.

**Palavras-chave:** Mulheres; Determinantes sociais da saúde; saúde mental; Nômade; Saúde do viajante.

**Abstract:** This article will analyze the social determinants of mental health among women in mobility. For this reason, an integrative review was carried out during the month of May 2022, reviewing articles published between the years of 2017 and 2021, starting from the basics of virtual data. Among 2509 identified publications, only six placed pertinent to this investigation. We reveal that women on the move are vulnerable to security and violence, so they can make significant impacts on their mental health.

**Keywords:** Women; Social determinants of health; Mental health; Nomadic; Traveler health.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Doutoranda em Enfermagem Psiquiátrica – Universidade de São Paulo. E-mail: valpdias@usp.br. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-6079-1807>>.

2 Doutora em Enfermagem Psiquiátrica – Universidade de São Paulo. Professora Assistente – Universidade Estadual de Mato Grosso. E-mail: danielacarmoliveira@gmail.com. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-3901-1298>>.

3 Doutora em Enfermagem – Universidade de São Paulo. E-mail: aragao\_bruna@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-3031-3193

4 Mestre em Enfermagem – Universidade Federal do Amazonas. E-mail: mira.bandeira@hotmail.com. ORCID: <<https://orcid.org/0009-0008-9958-0370>>.

5 Doutora em Ciências – Universidade de São Paulo. Professora Associada – Universidade de São Paulo. Email: reginaacf@fmrp.usp.br. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-3666-9809>>.

## Introdução

Até os anos 2000, constatou-se que aproximadamente 30 a 40 milhões de pessoas viviam em situação nômade ou seminômade, sendo que os registros mais atuais são incertos, comprometendo a compreensão dessa população (Maro *et al.*, 2012). O nomadismo sempre esteve presente na humanidade, mas a partir da dominação da natureza pelo ser humano e o desenvolvimento das sociedades, houve um processo declinatório desse movimento. No entanto, ainda existem muitos indivíduos e grupos que possuem inspirações para “mover-se”.

Cohen, Duncan e Thulemark (2015) apresentam conceitos básicos das modalidades de mobilidade humana, observando as questões de residência habitual e retorno, o conceito de pertencimento e temporalidade, classificando-as em mobilidade temporária, permanente e Mobilidade de Estilo de Vida (MEV). A primeira, temporária, tem como característica a intenção de retorno a um determinado lugar considerado residência, havendo um movimento circular, como por exemplo os trabalhadores sazonais. A permanente, trata-se de uma mobilidade constante e linear, dificilmente permitindo retornos, como os refugiados e imigrantes. Por último, conforme os autores, na MEV não há “um lugar” fixo para o qual retornar e, ao longo do tempo, pode haver várias “casas” às quais se pode retornar e/ou visitar. Para Williamson *et al.* (2020), a MEV contempla mochileiros de longas viagens, nômades digitais, nômades globais e *Gray Nomads*. Terranova-Webb (2010) também inclui os circenses, os quais realizam movimentos atrelados ao circo.

O nomadismo é considerado então uma mobilidade do estilo de vida, sendo um processo contínuo e fluido, interpretando diversas práticas cotidianas, que não pressupõem que não haja intenção de retornar a algum lugar (Cohen; Duncan; Thulemark, 2015). Cohen (2011), enfatiza que a adoção de práticas de estilo de vida móveis fornece tanto um senso único de identidade pessoal para seus adeptos, por um lado, quanto uma identidade coletiva distinta e reconhecível, por outro.

Embora haja distintos modos de vidas móveis atuais conhecidos, a quantificação das populações pode ser apenas especulada. Por exemplo, Kannisto (2017) sugere que os nômades globais sejam mais de uma centena, mas não milhares de pessoas em todo o mundo. Assim sendo, estes grupos se encontram além do alcance de pesquisas estatísticas e censos, impossibilitando o levantamento fidedigno.

Nesse cenário, as pessoas nômades estão expostas a potenciais agravantes de saúde. Na população nômade feminina, as suscetibilidades aumentam

ainda mais. Mc Calester, Cesario e Kirkland (2020), afirmam que mulheres viajantes encontram potenciais problemas relacionados ao ambiente, a enfermidades pré-existentes, à saúde sexual e reprodutiva, à vulnerabilidade a violências, entre outros determinantes. O caso do feminicídio ocorrido no interior do Amazonas contra Julieta “Jujuba” Hernandez Martínez, artista venezuelana e cicloviajante, entre o fim de 2023 e o início de 2024, gerou comoção internacional e provocou a discussão sobre a liberdade e segurança das mulheres viajantes. Segundo as autoridades, Jujuba foi roubada, estuprada, assassinada e teve seu corpo ocultado por um casal a quem a artista ajudou financeiramente e por quem foi convidada pernoitar (El País, 2024).

A Organização Mundial de Saúde (OMS), desde 2010, adota o modelo de Solar e Irwin para compreender como os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) operam na sociedade (Solar; Irwin, 2010). Tal modelo apresenta os determinantes estruturais operando sobre determinantes intermediários e, com efeito, moldam situações de saúde.

O modelo é composto por estruturas que correspondem a contextos sociais, econômicos e políticos. Essas estruturas correspondem a posições nas quais a população é estratificada mediante sua renda, educação, ocupação, gênero, raça/etnia e demais fatores que possam afetar sua posição socioeconômica. A vulnerabilidade, portanto, é determinada de acordo com a hierarquia social que a pessoa ocupa, a exposição a esses fatores e o modo como as pessoas experimentam as exposições aos determinantes intermediários (circunstâncias materiais, comportamentais e biológicos, e psicossociais).

Solar e Irwin (2010) destacam fatores relacionados à produção e à manutenção da hierarquia social, que são as estruturas de governança, as políticas macroeconômicas, as políticas sociais no mercado de trabalho, a habitação e a terra, as políticas públicas no campo da educação, a saúde e a proteção social, por último, os aspectos relacionados com a cultura e com os valores sociais.

Marcadores sociais vêm sendo considerados na compreensão da saúde a partir dos estudos dos DSS, que segundo Solar e Irwin (2010) correspondem às instâncias intermediárias que influenciam no processo de saúde e doença. Assim sendo, a instância estrutural indica como os fatores sociais, políticos e econômicos forjam agrupamentos de posições socioeconômicas, produzindo segmentação social quanto à sua renda, educação, situação ocupacional, gênero, raça/etnia, dentre outros fatores. Por sua vez, esses segmentos determinam diferentes níveis de vulnerabilidade e agravos em saúde, que vêm ser os determinantes intermediários e evidenciam a localização de cada um no conjunto das hierarquias sociais.

As relações entre saúde-doença mental e vulnerabilidade social têm uma relação complexa que exige profundas reflexões e contextualizações, de modo a evitar estigmatização com relação a grupos de classe social menos privilegiada na associação entre sofrimento mental e pobreza (Gama; Campos; Ferrer, 2014). Alguns autores propõem que a saúde mental deve ser entendida como o produto de múltiplos fatores, sendo eles de cunho biológicos, psicológicos e sociais (Alves; Rodrigues, 2010).

○ conhecimento dos determinantes sociais e das variáveis, que produzem desigualdades em saúde mental e sua influência no adoecimento da população, são integrados na formulação de políticas que orientam as prioridades para a gestão pública em saúde para com essa população. Alves e Rodrigues (2010) apontam que a saúde mental é permeada por fatores como condições laborais e desemprego, educação, pobreza, condições de habitação, nível de urbanização, discriminação sexual e violência de gênero, experiências precoces e interação familiar, exclusão social e estigma, cultura e acontecimentos de vida estressantes. Assim sendo, objetivou-se identificar os Determinantes Sociais da Saúde Mental (DSSM) de mulheres nômades.

## 1 Metodologia

Trata-se de uma Revisão Integrativa de Literatura (RIL), a qual percorreu seis etapas metodológicas previstas: formulação da questão norteadora, amostragem, extração de dados dos estudos primários, avaliação crítica, análise/síntese dos resultados da revisão e sua apresentação.

Para a primeira etapa, de elaboração da questão norteadora, foi adotada a estratégia PICo (Araújo, 2020), a saber: P (população) – mulheres nômades; I (Fenômeno de Interesse) – como são afetadas por iniquidades; Co (Contexto) – sob a ótica dos DSSM. Desta forma, a questão que norteou esta pesquisa foi: “O que as evidências científicas apresentam sobre como mulheres nômades são afetadas por iniquidades geradas pelos determinantes sociais de saúde mental?”.

Para compor a amostra do estudo, foram definidos como critérios de inclusão: publicações científicas que respondessem à questão norteadora em qualquer idioma, indexadas no período de 2017 a 2021; disponíveis na íntegra e acessíveis nas bases: *PubMed Central* (PMC), *Sci-Verse Scopus* (SCOPUS), *Web of Science* (WoS) criada pelo *Institute for Scientific Information* (ISI), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), EMBASE (*Elsevier Limited*). Já os critérios de exclusão foram elencados e descritos no Quadro 1.

### Quadro 1: Siglas para critérios de exclusão para RIL:

Sigla	Definição	Descrição
NQ	Artigos que não respondessem à questão	○ que as evidências científicas na literatura apresentam sobre como mulheres NEV são afetadas por determinantes sociais de saúde mental?
NA	Publicações que não fossem artigos	Editorial, livros, dissertações, teses, anais de congresso, cartas, resumo de conferência, notas, resenhas.
NP	Publicações que não fossem Pesquisa de campo	Reflexões, editorial e revisões.
NT	Publicações que não eram da temática	Abordavam a temática de mulheres nômades, mas não de MEV.
ER	Estudos repetidos	Artigos que já foram incluídos em uma base.

NQ- Não respondem à Questão, NA- Não é Artigo, NP- Não é Pesquisa de campo, NT- Não é da Temática, ER- Estudo Repetido.

Fonte: Adaptado de Oliveira et al. (2022).

As buscas foram realizadas no mês de maio de 2022 e todo o processo contemplou dois revisores. Nas divergências de seleção das publicações, um terceiro autor foi consultado. As buscas foram realizadas com os descritores: em inglês – *Women, Female, “Social Determinants of Health”, Psychology, “Risk Factors”, Risk, “Mental Health”,* em espanhol – *Mujeres, “Determinantes Sociales de la Salud”, Psicología, “Factores de Riesgo”, Riesgo, “Salud Mental”;* e português – *mulheres, “Determinantes Sociais da Saúde”, Psicologia, “Fatores de Risco”, Risco, “Saúde Mental”.*

Os Descritores “Migrantes”, “*Migrants and Transients*”, embora tenham “nômade” como termo alternativo, não foram incluídos nas buscas por trazerem resultados que não são de interesse desta pesquisa. Como alternativa, optou-se por usar palavras-chave, que foram testadas individualmente para observar se a base era sensível a ela. Foram selecionados termos em leituras sobre o tema para que a busca capturasse a população de interesse ou em artigos que emergiram nas tentativas de buscas: em inglês – “*reloaded hippie*”, “*beach-bummer*”, “*grey nomad*”, “*global nomad*”, “*digital nomad*”, “*gap year traveler*”, “*overlander*”, “*long-term overland travel*”, “*lifestyle mobilities*”, “*hiker*”, “*rambler*”, “*tramper*”, “*solo female backpacker*”, “*solo female traveler*” e “*highway wanderer*”; em espanhol – “*Mochileras*”, “*Andariegas*” e “*Vagabundas*”; em português – “*errante*”, “*errância*”, “*andarilho*”, “*nômade*”, “*maluco de estrada*”, “*maluco de BR*”, “*trilheiro*” e “*itinerante*”. Além dessas palavras-chave, foram utilizadas também: em inglês – “*mental health*”, “*psychology*”,

“*healthcare needs*” e “*well-being*”; em espanhol – “*salud mental*”, “*psicología*”, “*necesidades de atención en salud*” e “*bienestar*”; em português - “saúde mental”, “psicologia”, “necessidades de saúde” e “bem-estar”.

Os descritores e palavras-chave foram flexionados no plural para compor a busca, utilizando os símbolos para truncagem “\$” ou “?”, quando permitido pela base ou sendo reescrito em plural, a exemplo: Mulher/Mulheres; Wom\$n para *Woman* ou *Women*; “Trave?” para *Traveler* ou *Travel*. Em seguida, foram elaboradas estratégias, utilizando os operadores booleano: OR, AND e NOT, observando a especialidade de cada base.

Após a busca em todas as bases selecionadas, foram aplicados os filtros e o resultado consolidado de todas as bases foi separado. Em seguida foi realizada a exportação dos resultados das publicações, no formato de arquivo RIS para o programa *Academical®*, sendo neste momento aplicado os demais critérios de exclusão. Os dados extraídos foram armazenados e organizados para posterior a análise. Para a extração dos dados da amostra que compuseram este estudo, utilizou-se um roteiro de fichamento, contendo: nº do estudo, base em que o estudo foi encontrado, periódico, idioma, ano, país, autores, título, objetivo, tipo de estudo e conclusão (Oliveira, 2018).

Para análise dos resultados, foi aplicada a Análise de Conteúdo (AC), proposta por (Bardin, 2011), de modo a inferir sentidos de forma sistemática. Previamente foi realizada uma pré-análise, com leitura flutuante, constituição do corpus, formulação e reformulação de hipóteses e pressupostos. Em seguida, a exploração do material, para construção de indicadores e categorização. E categorização contou a priori, com a articulação teórica do referencial dos DSSM, com base em Alves e Rodrigues (2010), Compton e Shim (2015) e Silva, Loureiro e Cardoso (2016).

Alguns aspectos propostos pelos autores foram contemplados no processo de análise, como fatores determinantes que afetam a Saúde Mental para categorizar as análises realizadas nos artigos selecionadores, porém, adaptando às particularidades de mulheres MEV:

- Ocupação – trata-se da atividade laboral que se aplica ao modo de vida desvinculado a lógica de consumo, o estilo de vida móvel requer algum meio de garantia de alimentação, viagem e repouso;

- Acesso a bens – ainda que se possa perceber suas afecções em qualquer meio social, inclusive em grupos em MEV, seria difícil aplicar a pobreza, suas consequências e suas causas frente a tal estilo de vida, podendo traduzi-la na dificuldade de arrecadação de bens;

- Conhecimento sobre o ambiente – para pessoas em MEV é mais importante que se haja conhecimento sobre os locais nos quais transitam, costumes, comunicação e educação formal;

- Ambiente de abrigo e repouso – os autores referem as questões de habitação a maiores riscos para doenças mentais. Quando se trata de pessoas em MEV, não haver habitação é parte do seu modo de vida, por isso, é possível compreender a habitação para essas pessoas como ambiente provisório;

- Violência de gênero – por se tratar de uma questão global e de forte interesse nesta pesquisa, mantém-se o termo tal qual proposto pelos autores;

- Estigma social – seu próprio modo de ser pode trazer estranheza a sociedade geral, motivo que nos faz considerar mais pertinente utilizar o termo;

- Modo de vida – a cultura afeta, inclusive, o modo de como é encarado o diferente, podendo considerá-lo aceitável ou não, por esse motivo, aqui será abordado o modo de vida da mulher em MEV;

- Eventos estressantes – os eventos estressantes podem estar relacionados a doenças prévias, violência e questões de histórico de experiências traumáticas.

Assim sendo, as categorias para a análise foram: Ocupação, Acesso a bens, Conhecimento sobre o Ambiente, Ambiente de abrigo e repouso, Violência de gênero, Estigma social, Modo de vida e Eventos estressantes.

As informações foram recortadas em unidades de registro, aglomeradas de acordo com os assuntos similares para identificação nas categorias a priori supracitadas, essas categorias iniciais, por sua vez, passaram por uma nova aglomeração, formando subcategorias, quando necessário. Foi utilizado o suporte do programa *WebQDA Qualitative Data Analysis®* para organização, leitura, análise e apresentação da AC.

Todas as normas éticas para a pesquisa científica foram respeitadas, zelando pela genuinidade dos dados e autoria das informações.

## **2 Resultados**

Ao realizar as buscas dos artigos nas bases de dados selecionadas, foi obtido o número de 2509 publicações. Após aplicarmos o filtro para selecionar as publicações dos últimos 5 anos com acesso livre, o número, considerando todas as bases de dados, reduziu para 1366 publicações. Após avaliação dos títulos e resumos com a aplicação dos critérios de exclusão,

permaneceram artigos que foram lidos na íntegra, sendo incluso 6 artigos por responder à questão norteadora.

A maioria dos artigos excluídos tratava de mulheres migrantes por motivos de trabalho ou familiares, refugiadas e pessoas viajantes de curto período ou que não houvesse informação sobre tempo de viagem, informações obtidas por terceiros. Pesquisas que havia como público-alvo pessoas nômades por motivos étnicos, como ciganos, romas, nômades tadjiques, beduínos, *irish travellers*, povos indígenas, e por motivos de trabalho, como pastores nômades africanos e asiáticos, trabalhadores sazonais de hortifrutí foram excluídos. Foram excluídas também pesquisas com *third culture kid*, expatriados, trabalhadores humanitários e missionários, assim como pessoas em viagem de curto prazo ou que não havia como compreender o tempo de viagem a partir dos dados informados.

Os dados extraídos dos artigos selecionados foram transcritos para um instrumento validado, que foi adaptado para atender a proposta do estudo. Para demonstrar o resultado da seleção dos artigos em todas as bases, que compuseram a amostra deste estudo, foi utilizado o fluxograma PRISMA 2020, gerado com o apoio da ferramenta *PRISMA Flow Diagram* (Haddaway et al., 2022). O instrumento contém variáveis de interesse da pesquisa, e seus itens são: *Identification* para identificação primária dos documentos; *Screening* para seleção dos documentos elegíveis e *Included* para documentos que respondessem todas os critérios de seleção.

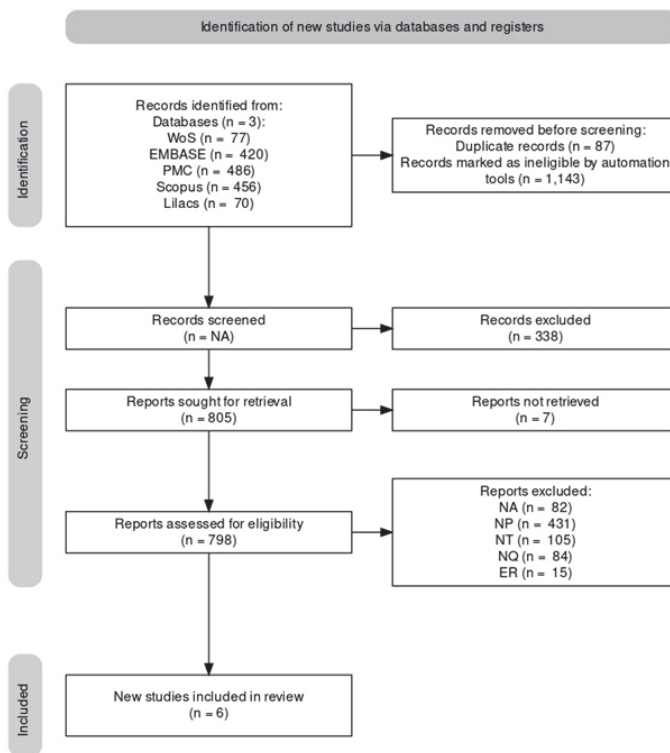
Adotou-se a proposta descrita por Melnyk e Fineout-Overholt (2019) para analisar o delineamento de pesquisa e classificar o nível das evidências científicas dos artigos: Nível 1 – evidências provenientes de revisão sistemática ou meta-análise de todos os ensaios clínicos randomizados controlados, ou provenientes de diretrizes clínicas baseadas em revisões sistemáticas de ensaios clínicos randomizados controlados; Nível 2 – evidências derivadas de pelo menos um ensaio clínico randomizado controlado bem delineado; Nível 3 – evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização; Nível 4 – evidências provenientes de estudos de coorte e de caso-controle bem delineados; Nível 5 – evidências originárias de revisão sistemática de estudos descritivos e qualitativos; Nível 6 – evidências derivadas de um único estudo descritivo ou qualitativo; Nível 7 – evidências oriundas de opinião de autoridades e/ou relatório de comitês de especialistas.

As bases verificadas apresentaram uma vasta quantidade de artigos que se referiam a mulheres nômades, no entanto, apenas seis deles se tratava de pesquisa qualitativa sobre mulheres nômades por estilo de vida. A maioria dos achados foram encontrados na base *Scopus*, sendo três deles



repetidos na base WoS, desse modo, foi considerado apenas os artigos que se apresentaram na primeira base rastreada. Todos os artigos selecionados eram de língua inglesa, com exceção da publicação capturada pela base *Lilacs*, que foi escrito em língua portuguesa. Com relação ao ano de publicação, dois dos achados foram do ano de 2021, outros dois de 2019, um de 2017 e outro de 2020. Os artigos foram identificados pela numeração de ordem na qual foram encontrados (Figura 1):

**Figura 1:** Fluxograma PRISMA 2020 consolidado de todas as bases de dados, contendo as estratégias, conforme as etapas da revisão integrativa.



Fonte: PRISMA, 2020.

Os artigos selecionados foram: nº 1, de Ina Reichenberge, intitulado “*Digital nomads – a quest for holistic freedom in work and leisure*”; nº 2, de Ekaterina Chevtaeva, intitulado “*Basak Sailor-Guillet. Digital nomads’ lifestyles and coworkation*”; nº 3, Amanda Wantono e Bob McKercher, de título “*Backpacking and risk perception: the case of solo Asian women*”; nº 4 de autoria de Timothy Stablein e Laura A. Schad, intitulado “*Contemporary American Transience: Nomadism and the Rationale for Travel among Homeless Youth and Young Adults*”; nº 5 escrito por Mireia Brugulat e Luís Coromina,

com título “*Constraints of solo female backpackers in Southeast Asia*” e; nº 6, dos autores Jose Sterza Justo, Cledione Jacinto de Freitas e Julia Esteves Bicalho de Almeida, intitulado “Andarilhas de estrada e questões de gênero”.

Com relação aos periódicos de publicação, o estudo nº1 foi divulgado em uma revista sobre Lazer, os estudos nº 2, 3 e 5, de Turismo, o nº 4, Sociologia, e o nº 6, Psicologia. Quanto aos grupos pesquisados, os estudos 1 e 2 foram identificados como “nômades digitais”, nº 3 e 5 como “mochileiras”, nº4 como “viajantes” e nº 6 como “andarilhas”. As publicações apresentaram uma grande variedade no número de participantes, o estudo nº 1 contou com 22 participantes, sendo 15 mulheres, o estudo nº 2 tiveram 12 participantes, dos quais 6 eram mulheres, o estudo nº 3 foi composto por 16 mulheres, o nº 4 por 21 participante, sendo 5 mulheres, o nº 5 foi composto por 37 mulheres e o último, por 2 mulheres. Os estudos mistos que compuseram a amostra da RIL tiveram apenas os dados relacionados a mulher considerados.

Com relação a nacionalidade das pesquisadas, a maioria daquelas identificadas como “nômades digitais” eram europeias, seguindo por nacionalidades de países ricos, como Estados Unidos, Canadá e Austrália, duas apenas eram da América Latina, uma da República Dominicana e outra da Argentina. As identificadas como “mochileiras” eram, em sua maioria, da Ásia – considerando que uma das pesquisas se ocupava apenas em pesquisar mochileiras asiática – e Europa, havendo cinco delas de origem americana, sendo 2 canadenses, 1 estadunidense, 1 equatoriana e 1 brasileira. Por fim, o grupo intitulado “viajantes” eram estadunidenses e as “andarilhas”, brasileiras. Esses dois últimos grupos, além de se tratar de grupos com identidade nacional e do continente americano.

A metade dos recrutamentos dos estudos ocorreu pela internet, na observação de redes sociais e convites via mensagens eletrônicas, como é o caso dos estudos nº 1, 2 e 5, os demais foram realizados em locais comumente frequentado pelas participantes. Foi utilizado a técnica de *snowball* nos estudos nº 3, 4 e 5. Em todos os estudos o número de participantes selecionado por conveniência, destacando o estudo 6 que utilizou dois estudos de caso, selecionados de uma pesquisa maior. Todos os estudos utilizaram a entrevista semiestruturada como método de produção de dados. Apenas o estudo nº 2 mesclou grupos focais e entrevistas individuais. Para análise, os achados optaram pelas análises de conteúdo (nº 1, 2 e 3) e temática (nº 4 e 5).

No Quadro 2 mostra-se os artigos que foram criteriosamente selecionados em comum acordo as informações de publicação e principais achados.

**Quadro 2:** Artigos categorizados por número (N°), informações de publicação e principais achados.

N°	Base/Periódico/ Ano	Objetivos	Metodologia/ Nível de evidência
1	Scopus/Annals of Leisure Research/2017.	Conceituar o Explorar motivações para a adaptação deste estilo de vida e como estas são abordadas na prática; Examinar como o trabalho, o lazer e as viagens são interpretados.	Qualitativo exploratório. 1ª etapa – análise de conteúdo online; 2ª etapa – criação de códigos; 3ª etapa – entrevista semiestruturada em profundidade. Nível VI.
2	Scopus/Journal of Destination Marketing e Management Machine/2021.	Examinar a conexão entre os estilos de vida pessoais dos nômades digitais e o valor percebido dos espaços de trabalho de vacas durante as viagens.	Qualitativo. Análise de conteúdo indutiva; entrevistas semiestruturadas. Nível VI.
3	Scopus/Tourism Recreation Research/2020.	Apresentar uma perspectiva asiática das mochileiras solo com foco nas percepções de risco e preocupação e explora como os valores asiáticos afetam o comportamento de viagem.	Entrevistas semiestruturadas. Análise de conteúdo. Nível VI.
4	Scopus/Qualitative Sociology/2019.	Comparar os benefícios e consequências relativos de viajar com o fato de ser estacionário (local) e discernir a importância que as redes, o estigma e a identidade desempenham na formação de sua experiência.	Entrevistas semiestruturada. Recrutamento Por conveniência, bola de neve. Análise temática. Nível VI.
5	Scopus/Asia Pacific Journal of Tourism Research/2021.	Compreender experiências de viagem de mulheres mochileiros solo, concentrando-se e em precedentes (pré-viagem) e in situ (durante viagem) sociocultural, prático, pessoal e espacial restrições.	Entrevista semiestruturada. Análise temática. Nível VI.
6	Lilacs/Arquivos Brasileiros de Psicologia/2019.	Discutir questões de gênero relacionadas à mobilidade psicossocial tomando como referência a presença e o modo de viver da mulher entre os andarilhos de estrada e trecheiros.	Entrevista semiestruturada. Nível VI.

Fonte: Autoria própria.

Quando submetido a AC, os artigos expressaram as oito categorias selecionadas a priori por meio de 31 códigos. Esses códigos foram reorganizados dentre as oito categorias, formando subcategorias, conforme demonstrado na Figura 2:

**Figura 2:** Códigos Árvore de Análise de Conteúdo produzido através do WebQDA.



**Fonte:** Produzido pela autora por meio do WebQDA.

Portanto da categoria apriorística “Ocupação” emergiu as subcategorias “Busca de equilíbrio entre trabalho e lazer”, apresentando oito inferências e, “Arrecadação de bens por doação” com uma inferência; “Acesso de bens”, apresentou as subcategorias “Dificuldade de manter a higiene”, com duas inferências e “Dificuldade de conseguir alimentação por doação”, com três inferências; de “Conhecimento sobre o ambiente” insurgiu “Adequação social” com três inferências, “Isolamento por segurança”, “Aproximar-se de moradores”, “Informações sobre local” e “Falar de suas necessidades aos locais” e “Aproximação com locais” com uma inferência cada, “Mecanismos de segurança” com sete inferências, “Limitação em explorar ambiente” com duas inferências, sendo está a categoria da qual emergiu mais subcategorias.

Com relação a categoria “Ambiente de abrigo e repouso”, emergiu as subcategorias “Impedimento de acesso a abrigo improvisado” e “Dificuldade

em repousar”, com uma inferência cada. A “Violência de gênero” apresentou como subcategoria “Importunação” (três inferências), “Medo de sofrer violência sexual” (duas inferências), “Violência sexual” (uma inferência), “Violência psicológica” (duas inferências) e “Medo de sofrer violência de gênero” (uma inferência). A categoria “Estigma social” apresentou como subcategoria “Incompreensão de pessoas íntimas” (três inferências), “Sofrimento nas ruas” (uma inferência), “Discriminação no serviço público” (duas inferências).

A categoria “Modo de vida” revelou como subcategorias “Agrupamento com outros nômades” (oito inferências), “Confronto entre vida nômade e sedentária” (quatro inferências) e “Solidão” (duas inferências). Da categoria “Eventos estressantes”, emergiu como subcategoria “Risco no uso de substâncias”, “Violência física”, “Medo de perder-se”, “Medo de intoxicação alimentar” e “Roubo” apresentando todos uma inferência, e “Medo de roubo” com 4 inferências.

### 3 Discussão

Os achados desta RIL demonstram como os DSSM estão entranhados na vivência de mulheres em MEV.

Dados semelhantes foram identificados em uma etnografia de blogueiras mochileiras solo que descreveram suas experiências de viagens a países africanos. As autoras identificaram restrições interpessoais nos relatos dos blogs, tais como saúde, segurança e preocupações sexuais como as mais frequentes, além de preocupações com a saúde envolvendo doenças epidêmicas, produtos de higiene, principalmente produtos relacionados à mulher (Ngwira; Tse; Vongvisitsin, 2020). Os dados sugerem preocupações de risco percebidos e riscos reais em uma região fora da rota de países desenvolvidos. Além disso, assim como nossos achados, aspectos sobre experiência da mulher em MEV e de como elas são percebidas pelos outros são encontrados, e esses aspectos se complementam de tal modo que suas fronteiras se tornam imperceptíveis.

A liberdade parece fazer parte do centro dos achados, por isso, diferente de outros viajantes, as mulheres em MEV atribuem valores e padrões distintos a residência, trabalho e bens. Conforme os artigos encontrados, as necessidades econômicas e de conforto são sujeitas a análise de quanto de liberdade aquilo dispõe. A afirmativa é bem compreendida no que se refere a ocupação. Por buscarem meios formais ou informais “atípicos” como ocupação, uma preocupação é não se enquadrar em atividades laborais que

exijam períodos de dedicação longos e buscam meios alternativos, como trabalhos flexíveis ou doação. Kannisto (2016) corrobora quando afirma que pessoas em MEV rejeitam qualquer atividade que restrinja sua mobilidade, além da aversão a ideia de pertencimento de uma instituição, fazendo com que busquem mecanismos para manterem-se móveis e que garantam meios de subsidiar financeiramente sua vida.

A liberdade vai além de possibilidades de mover-se quando e para onde desejares, há também a preocupação de fugir do mercado de trabalho formal, considerado opressor, expresso pelos nômades digitais no estudo de Mancinelli (2020). A flexibilidade do horário laboral é essencial para manter a sua inegociável liberdade, que pode ser ameaçada pela “rotina das 9 às 5”. A rejeição da lógica do mercado acompanha também o modo de como as mulheres em MEV se relacionam com a função do dinheiro em suas vidas, buscando meios alternativos e econômicos para fazer suas viagens mais independentes possível do dinheiro (Kannisto, 2018). Kannisto (2018) ainda menciona que os nômades buscam meios diversos para financiar suas viagens. Enquanto uns têm reservas com as quais podem lidar com eventos ou crises particulares e garantir sua vida futura, outros vivem “sem se preocupar com o futuro”, mas, caso necessário, usarão suas habilidades em troca de dinheiro ou em troca de bens de consumo (Kannisto, 2018).

A relação essencialista com o dinheiro reflete no modo de como os bens são adquiridos ou acessados, reverberando na execução de cuidados pessoais básicos, como higiene pessoal e alimentação adequada. O tópico emergiu com mais evidência nos achados do Brasil e Estados Unidos que, embora sejam países com particulares situações socioeconômicas, as participantes experimentam fenômenos similares, como condições de vida mais precárias que as mulheres dos demais países. Apesar disso, o discurso do consumo essencial, gastando muito pouco dinheiro, é constante. Essa tendência reflete ainda na busca de ambiente de abrigo e repouso, sendo na busca de locais adequados para repouso que não exijam dispêndio e a dificuldade de descanso que as mulheres podem apresentar.

Kannisto (2018) pondera que viver fora do mercado é impossível, e que a resistência ainda pode ser empoderadora, porque as lutas pela liberdade dão aos indivíduos uma oportunidade de exercer algum grau de agência. Os nômades globais, por exemplo, são capazes de desenvolver uma consciência reflexiva sobre as formas como o poder funciona e as condições de suas próprias escolhas. O que lhes proporciona a sensação de “não serem tão governados” pelo mercado.

○ contraponto ao celebrado *ethos* da liberdade, para Mancinelli (2020), é um maior senso de responsabilidade individual não apenas em relação à construção de uma biografia pessoal, mas também em relação ao desvanecimento das proteções previdenciárias e à precariedade do mercado de trabalho.

Os mecanismos para ambientar-se no local onde transitam foi expressivo neste estudo, tanto no número de subcategorias quanto no volume de inferências reveladas, mostrando que o conhecimento sobre o ambiente exige da mulher em MEV os mais variados meios de regulação, requerendo um comportamento de neutralidade, buscando adequar-se aquelas demandas sociais, fazendo-se amigável, fazendo-se conhecer, pedindo informações, criando laços e pedindo ajuda aos moradores locais. Comportamentos similares foram observados pelos nômades digitais, sobretudo aqueles com meios modestos de mobilidade, por exemplo, pedindo carona ou de bicicleta. Essas experiências parecem estar relacionadas com o volume de viagens que as pessoas em MEV fazem, quanto mais viajam, mais experimentam a simpatia altruísta dos moradores locais que mostram a interrelação das pessoas (Kannisto, 2018). Essa construção talvez esteja relacionada com o senso de domínio, conforme aponta Refaeli *et al.* (2022).

Para as mulheres viajantes, o entrosamento com os locais parece contribuir fortemente para o senso de domínio, uma vez que essa relação, segundo Ngwira, Tse e Vongvisitsin (2020) pode significar conforto e segurança, ao fazer amizade com os habitantes locais, além do singular desfrute de experiências culturais e aconchego familiar, também possibilita capturar conselhos sobre a localidade de fontes seguras.

Ocorre, todavia, que muitas mulheres se sentem mais seguras ao limitar contato no seu percurso, optando pelo isolamento e pouca exploração do espaço, com comportamentos limitantes. Ainda, foram percebidos mecanismos de segurança como ocultação de sua identidade, apresentar-se com aparência pouco atrativa, assim como esconder seus pertences, treinos de lutas marciais e porte de armas brancas para revide.

Yang e colaboradoras salientam que quase todas as mulheres de seu estudo têm ciência dos riscos de viajar sozinhas, mas aparentemente não foram dissuadidas pelos riscos. Ocorre que elas fazem uma negociação de risco e *empowerment*. A negociação de risco abrange as descobertas relacionadas a como os participantes respondem aos riscos percebidos e às razões subjacentes. O *empowerment* revela como as participantes ganham empoderamento por meio da negociação dos riscos e dos resultados dessas experiências (Yang; Khoo-Lattimore; Arcodia, 2018).

Conforme os relatos capturados por Yang *et al.* (2018), as mulheres evitam certos lugares para minimizar o risco, o que indica que os espaços de viagem das mulheres são limitados pelo risco percebido de gênero.

Nos nossos achados, a violência de gênero foi uma categoria que expressou preocupante significado, sendo experimentada de inúmeros modos, na importunação sexual, sendo vítima de violência sexual e violência psicológica e no medo de sofrer violência de gênero. Mulheres em viagem sem companhia masculina são vistas como vulneráveis a violência de gênero e reforçada pela mídia.

No ano de 2017, por exemplo, o caso de estupro seguido pelo assassinato de duas viajantes argentinas em visita ao Equador foi motivo para comoção mundial, repercutindo fortemente entre mulheres nas mídias sociais, onde levantou-se a tag “#queroviajarsozinhasemmedo”. O caso trouxe debates sobre de que modo essas jovens foram culpadas pelas suas mortes e até que ponto uma mulher é considerada “sozinha”, uma vez que as duas colegas se acompanhavam. O tema “cultura do estupro”, onde o estupro ganha um aspecto neutro diante da vítima, foi um dos pontos discussões, que coloca a mulher desacompanhada da presença masculina como uma vítima em potencial de estupro, pois mesmo que unidas a outras mulheres, continuam “sozinhas” e como isso impede a mobilidade livre das viajantes (Piscitelli, 2017).

Yang e colaboradores (2018), no estudo de mochileiras asiáticas, também apontaram que o risco sexual entre mulheres viajantes ocorre mais em lugares onde a prática de turismo sexual é mais comum. Outro dado que chama atenção é a questão racial que as viajantes asiáticas enfrentam, como serem percebidas como indefesas e serem julgadas mais jovem que se realmente são. Fato similar é identificado no estudo 16 que compõe nossa pesquisa, no qual indica que a idade mais jovem pode apresentar maior risco para as mulheres andarilhas.

As viajantes mulheres também foram consideradas propensas a serem vítimas de assédio sexual e violência na África, incluindo olhares masculinos e estupro. Por esse motivo, a decisão de viajar só foi encarada como uma atitude irresponsável, consideradas loucas e o tema da segurança foi discutido por todos ao seu redor (Ngwira; Tse; Vongvisitsin, 2020).

As mulheres em MEV identificadas no nosso estudo também demonstraram experimentar estigma social relacionado ao seu modo de vida, podendo partir de pessoas conhecidas, como familiares ou mesmo do serviço público, sendo uma barreira para o acesso ao serviço.



A mesma estranheza foi arbitrada às mulheres asiáticas, conforme relata Yang *et al* (2018). A resposta de desaprovação pode ser explicada pelo risco percebido associado às viagens femininas sozinhas, como os riscos de gênero discutidos anteriormente. Também essas mulheres ainda agiam por vontade própria de viajar sozinhas, o que demonstra a agência das mulheres asiáticas (Yang; Khoo-Lattimore; Arcodia, 2018).

Os achados anteriores são fortemente relacionados ao modo de vida das mulheres em MEV, na qual foi identificado que algumas mulheres se questionam quanto a sua escolha de vida alternativa, se devem seguir ou abandoná-lo, visto as dificuldades que se apresentam. Reforçando tal questionamento, apresenta-se também a solidão. Kannisto (2016) cita condições inesperadas que pessoas não-cidadãs enfrentam com mais dificuldade que pessoas que gozam do bem-estar social de seu país (quando vem ao caso) como questão emergente de saúde, demonstrando como os eventos da vida não são estáticas, “mas caracterizadas por constantes revisões, transformações e incertezas, como é típico das vidas contemporâneas em geral” (Kannisto, 2016 p. 9). Outro argumento é trazido por Rafaeli *et al.* (2022), em sua pesquisa com mochileiros de longas viagens, que, devido a jovem idade de seu público, estes deparam-se com períodos de escolhas para o futuro. Além disso, a mobilidade afasta o nômade de sua rede social natural.

A busca por companhia e apoio de seus pares reforça sua identidade como mulher em MEV, podendo ser outras mulheres nômades ou homens. Kannisto (2016) ao observar esse comportamento, compreende-a como “rede de segurança” que é construída a partir de contatos com outras pessoas com estilo de vida nômade. Rafaeli *et al.* (2022) também observa tal criação de rede, que a descreve como um conjunto de recursos ambientais de apoio social e participação comunitária, sendo capaz de promover o sentimento de pertencimento entre os nômades e de fazer parte de uma comunidade. Bui e Wilkins (2018) ainda observam que o contato com pessoas experientes auxilia na tomada de decisão e sentimento de segurança entre os mochileiros. Essa rede de segurança pode mitigar outros eventos estressantes aos quais as mulheres em MEV podem atravessar, além da problemática da violência de gênero.

○ roubo é um desses eventos estressantes que a mulher em MEV passa ou teme passar, uma vez que a subtração de seus bens não significa apenas ônus financeiro, mas a impossibilidade de mover-se. Estratégias de redução de riscos que consiste em gerenciar suas preocupações de risco. Dayour e colaboradores (2019) elucidam as estratégias de redução de risco dos mochileiros, destacando que estas englobam tanto aspectos cognitivos (como a preparação mental) quanto não-cognitivos (como estratégias

pragmáticas). Entre as táticas mencionadas, estão evitar a exposição dos telefones em público e substituir seus aparelhos por modelos mais baratos.

Alguns riscos relacionados a saúde, como o risco no uso de substâncias e intoxicação alimentar também podem significar a interrupção, mesmo que temporário, da sua mobilidade. Quando nos referimos ao uso de substâncias, seja álcool ou outras drogas, não se trata de não fazer uso, mas sim de sofrer alguma consequência que afete sua mobilidade. Rafaeli e colaboradores (2022) explica que pessoas em MEV encontram mais situações propícias a comportamentos de risco, como uso de drogas e sexo desprotegido longe de seus locais de origem, sendo uma preocupação para esse grupo.

Dentre nossos achados chama a atenção o fato de não serem encontrados como problema questões que abordem maternidade ou gravídico-puerperal entre as mulheres em MEV, o que nos leva a crer que são questões bem gerenciadas e compreendidas pelo grupo. Outro fato importante de discutir é termo “medo”, que se apresenta em algumas categorias, que nos reforça que as mulheres compreendem que existe risco em manter a o estilo de vida nômade, mas buscam meios de mitigar esses riscos, valendo-se de mecanismos de segurança, redes de informação, de modo a manter sua satisfação pessoal que está intimamente ligada ao sentimento de liberdade.

#### **4 Considerações Finais**

Essa revisão evidenciou uma fragilidade de publicações sobre a temática, em comparação às que contemplam pessoas em mobilidade como imigrantes e refugiados, por exemplo. Essa constatação pode estar relacionada pelo fato de que nos últimos anos, as pesquisas em ciências da saúde se concentraram a discutir a emergência da pandemia da Covid-19. Reconhece-se, então, a escassez de informações sobre mobilidade feminina, sobretudo no que se refere a MEV.

Os dados apresentados destacam a necessidade de uma busca mais ativa por informações sobre as necessidades reais e o estilo de vida dessas mulheres, especialmente no que se refere aos cuidados sociais e de saúde. Em resumo, os resultados indicam que as mulheres em MEV enfrentam uma série de fatores que as tornam vulneráveis, especialmente no que diz respeito à segurança e à violência de gênero.

A complexidade e crueldade dos crimes contra mulheres, especialmente aquelas que viajam sozinhas ou desacompanhadas de homens, como foi o caso de Jujuba, nos levam a questionar a falta de visibilidade e discussões sobre o tema, sobretudo quando não recebe grande atenção midiática. Mulheres

em mobilidade, por outro lado, buscam formas de mitigar os riscos sociais que enfrentam, adotando uma variedade de estratégias para reconhecer e contornar tais perigos, contando com apoio comunitário ou limitando sua exposição naquilo que julga um potencial perigo. No entanto, mesmo com esses esforços, sua segurança não é garantida, o que nos exige uma reflexão mais profunda sobre as raízes dos problemas que podem culminar na violência propriamente dita.

Compreende-se, então, que é necessário a priorização de estratégias intersetoriais que acolham e intervenham sobre as necessidades delas e suas comunidades de forma participativa, interventiva, equitativa e emancipatória. A abordagem dos DSS nesse contexto, permite ampliar a compreensão dos determinantes que podem afetar a saúde, a qualidade de vida e o bem-estar mental dessas mulheres, especialmente, porque ainda existem cenários assistenciais fragilizados, marcados pela não consideração dos DSS no cuidado à saúde mental e pela banalização das necessidades das mulheres em MEV, consideradas mais vulneráveis e não situadas social e relacionalmente.

## Referências

ALEGRÍA, Margarita *et al.* “Social Determinants of Mental Health: Where We Are and Where We Need to Go”. In: **Current Psychiatry Reports**, v. 20, n. 11, set. 2018.

ALVES, Ana Alexandra Marinho; RODRIGUES, Nuno Filipe Reis. “Determinantes sociais e económicos da Saúde Mental”. In: **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 28, n. 2, pp. 127-131, jul. 2010.

ARAÚJO, Wânderson Cássio Oliveira. “Recuperação da informação em saúde”. In: **ConCI: Convergências em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, pp. 100-134, jul. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BUI, Huong T.; WILKINS, Hugh C. “Social interactions among Asian backpackers: scale development and validation”. In: **Current Issues in Tourism**, v. 21, n. 10, pp. 1097-1114, jul. 2016.

COHEN, Scott.; DUNCAN, Tara; THULEMARK, Maria. “Lifestyle Mobilities: The Crossroads of Travel, Leisure and Migration”. In: **Mobilities**, v. 10, n. 1, pp. 155-172, ago. 2013.

COHEN, Scott. “Lifestyle travellers”. In: **Annals of Tourism Research**, v. 38, n. 4, pp. 1535-1555, out. 2011.

COMPTON, Michael T.; SHIM, Ruth S. “The Social Determinants of Mental Health”. In: **FOCUS**, v. 13, n. 4, pp. 419-425, out. 2015.

DAYOUR, Frederick; PARK, Sangwon; KIMBU, Albert N. “Backpackers’ perceived risks towards smartphone usage and risk reduction strategies: A mixed methods study”. In: **Tourism Management**, v. 72, pp. 52-68, jun. 2019.

EL PAÍS. “The cruel femicide of a traveling clown in Brazil”. In: **El País**, 2024. Disponível em: <<https://english.elpais.com/international/2024-01-17/the-cruel-femicide-of-a-traveling-clown-in-brazil.html>>. Acesso em: maio de 2024.

GAMA, Carlos Alberto Pegolo Da; CAMPOS, Rosana Teresa Onocko; FERRER, Ana Luiza. “Saúde mental e vulnerabilidade social: a direção do tratamento”. In: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 17, n. 1, pp. 69-84, mar. 2014.

HADDAWAY, Neal R. *et al.* “PRISMA 2020: An R package and Shiny app for producing PRISMA 2020 — compliant flow diagrams, with interactivity for optimized digital transparency and Open Synthesis”. In: **Campbell Systematic Reviews**, v. 18, n. 2, mar. 2022.

KANNISTO, Päivi. “Extreme mobilities: Challenging the concept of ‘travel’”. In: **Annals of Tourism Research**, v. 57, pp. 220-233, mar. 2016.

\_\_\_\_\_. “Travelling like locals: Market resistance in long-term travel”. In: **Tourism Management**, v. 67, p. 297-306, ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Global Nomads and Extreme Mobilities**. England: Taylor & Francis, 2017.

MANCINELLI, Fabiola. “Digital nomads: freedom, responsibility and the neoliberal order”. In: **Information Technology & Tourism**, v. 22, n. 3, abr. 2020.

MARO, Zakaria Godson *et al.* **Understanding nomadic realities Case studies on sexual and reproductive health and rights in Eastern Africa**. (Anke van der Kwaak *et al.*, Org.). Amsterdam: AMREF/KIT, 2012.

MCCALESTER, Candace; CESARIO, Sandra K.; KIRKLAND, Tracie. “Travel Health Implications for Women Traveling Abroad”. In: **Nursing for Women’s Health**, v. 24, n. 2, pp. 143-148, abr. 2020.

MELNYK, Bernadette; FINEOUT-OVERHOLT, Ellen. **Evidence-based practice in nursing & healthcare: A guide to best practice**. 4. ed. Philadelphia: Wolters Kluwer, 2019.

NGWIRA, Cecilia; TSE, Serene; VONGVISITSIN, Thanakarn. “Negotiation Strategies and Constraints for Solo Female Travelers in Africa”. In: **Tourism Culture & Communication**, v. 20, n. 1, pp. 35-47, 27 mar. 2020.

OLIVEIRA, Alcemira Bandeira de. **Tuberculose e comorbidade com diabetes mellitus: aspectos epidemiológicos e imunológicos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal do Amazonas - Universidade do Estado do Pará, Manaus - AM.

PISCITELLI, Adriana. “#queroviarsozinhasemmedo’: novos registros das articulações entre gênero, sexualidade e violência no Brasil”. In: **Cadernos Pagu**, v. 1, n. 50, 2017.

REFAELI, Tehila *et al.* “‘We Are Young, We Run Free’: Predicting Factors of Life Satisfaction among Young Backpackers”. In: **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 3, p. 1429, 27 jan. 2022.

SILVA, Manuela; LOUREIRO, Adriana; CARDOSO, Graça. “Social determinants of mental health: a review of the evidence”. In: **The European Journal of Psychiatry**, v. 30, n. 4, pp. 259-292, dez. 2016.

SOLAR, Orielle.; IRWIN, Alec. **A conceptual framework for action on the social determinants of health: debates, policy & practice, case studies**. Genebra: World Health Organization, 2010.

YANG, Elaine Chiao Ling; KHOO-LATTIMORE, Catheryn; ARCODIA, Charles. “Power and empowerment: How Asian solo female travellers perceive and negotiate risks”. In: **Tourism Management**, v. 68, n. 1, pp. 32-45, out. 2018.

WILLIAMSON, Janine; HASSANLI, Najmeh; GRABOWSKI, Simone. “OzNomads: a case study examining the challenges of COVID-19 for a community of lifestyle travellers”. In: **Current Issues in Tourism**, pp. 1-15, mai. 2021.

Recebido em novembro de 2023.

Aprovado em maio de 2024.